



**MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E MUDANÇA DO CLIMA
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
NÚCLEO DE GESTÃO INTEGRADA ICMBIO PICO DA NEBLINA**

Avenida Dom Pedro Massa, número 51, - Bairro Centro - São Gabriel da Cachoeira/AM - CEP 69750000

Telefone: (97)34713458

Número do Processo: 02120.004648/2023-19

Relatório de acompanhamento e fiscalização - expedição turística ao Yaripo - Pico da Neblina

Período: 10 a 20 de Novembro de 2023

Analista Ambiental ICMBio: Cassiano AFR Gatto - NGI Pico da Neblina

Equipe:

Yanomami (AYRCA): Agostinho Pereira dos Santos - guia e líder da expedição e Edivaldo (*Xori*) - fechamento trilha; equipe de cozinha; equipe de carregadores;

Operador: Ambiental Turismo (<https://ambiental.tur.br/destinos/expedicao-pico-da-neblina-yaripo>) - responsável Israel Waligora;

Guias de Montanha: Tadeu de Oliveira e Fernando Aranha

Contexto:

Atendendo ao previsto no Plano de Visitação Yaripo (SEI 02070.012217/2017-11), que atribui ao ICMBio o papel de monitorar os impactos de atividades de turismo na trilha, acompanhei um grupo de 12 não-indígenas (9 turistas brasileiros de origens diversas, 1 operador e 2 guias de montanha) e 23 Yanomami (guias, condutores e cozinheiras), durante 10 dias de expedição.

Durante a viagem foram identificados problemas na operação relacionados a alimentação, sobre-peso de carregadores, uso inadequado de recursos da floresta, inadequabilidade de algumas partes da infra-estrutura dos acampamentos, trilhas sem sinalização, um caso de descompromisso com um acordo de segurança (que previa a presença constante de barco no porto Tukano), despreparo dos turistas em relação aos acordos de percurso, mal-entendidos decorrentes de choque cultural e falta de preparação para o contato e convívio com os Yanomami, e equipamentos inadequados, entre outros. Alguns destes problemas poderiam facilmente ser evitados com atividades de manutenção e adequação de infra-estrutura, e aprimoramento de capacitação das equipes de operadores, de Yanomami, e turistas. Algumas possíveis soluções foram apresentadas na reunião que antecedeu a assinatura de novos contratos de operação com a Associação Yanomami das Comunidades do Rio Cauaburis e Afluentes - AYRCA em Maturacá (26 Nov 2023). Estas questões serão rediscutidas adiante no contexto do roteiro da expedição que participei ou em tópicos especiais no final deste documento.

Este relatório é baseado exclusivamente nas memórias de minhas vivências diretas, experiências pessoais e sensoriais, conversações com personagens diretamente envolvidas em fatos importantes *in loco*, em anotações que fiz em campo e, logo após a volta, em fotografias datadas e comentários suplementares feitas no período em que me dedico a escrever este relatório. Em algumas passagens o texto sairá da narrativa formal e descreverá algumas sensações específicas, como limites do corpo em situações extremas - o que não distorce os fatos então narrados mas apenas acrescenta um tom intimista e traz situações que poderiam ser evitadas com uma melhor preparação pessoal.

Uma motivação adicional para a confecção deste documento foi a publicação, por um dos turistas, de um relato em rede social claramente distorcido. A estratégia deliberada de distorcer para atrair a atenção - e público, neste caso, configura um ato, no mínimo, irresponsável. Essa atitude de misturar realidade com fatos inexistentes - ficção, e distorção precisa de detalhes importantes, configura uma construção de narrativa que busca plausibilidade - para ser facilmente aceita no ambiente típico das redes sociais, mas sem factualidade. Esta publicação gerou um mal-estar generalizado entre Yanomami, operadores, e gestores do Projeto Yaripo junto ao ISA (Instituto Socioambiental). Esta narrativa, construída pelo turista influencer que pior avaliou a expedição em todos os anos de projeto, contrasta com a experiência coletiva vivida pela maior parte dos outros membros da expedição. A viagem é (pode ser) riquíssima em diversos aspectos, físicos, psicológicos, biológicos, culturais, antropológicos, interpessoais, entre tantos outros. O uso de desinformação e distorção de fatos certamente não contribui com a imagem do projeto na comunidade de trilheiros e apreciadores da natureza, e certamente prejudica nossos parceiros Yanomami. Deve-se entender o que ocorreu e procurar formas de evitar situações semelhantes.

Este caso não será mais diretamente abordado neste documento - mas os temas discutidos cobrem praticamente todo o escopo das discussões levantadas em público, com pontos positivos e negativos, e propõe outros mais. Sugestões com base em minhas ideias e nas discussões com parceiros institucionais do ICMbio e de instituições parceiras (ISA, FUNAI, FOIRN), operadores e monitores e, principalmente, com a equipe Yanomami durante a expedição são propostas ao longo de todo o texto (em destaque).

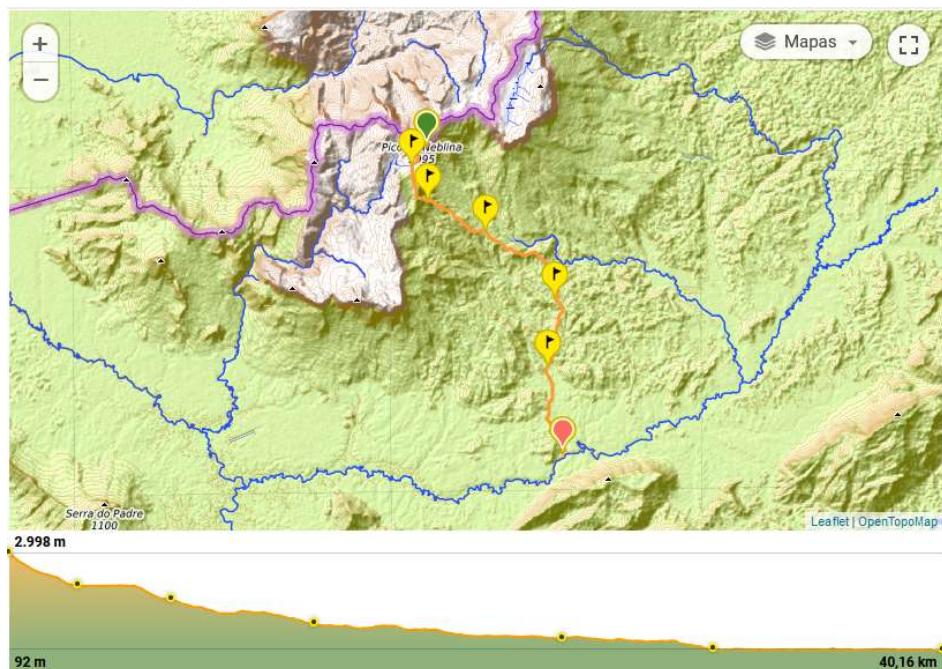


O Yaripo aparece límpido em meio às árvores na trilha. Visão rara do gigante exposto, no quinto dia de caminhada na floresta.

Nomes, com poucas exceções, não serão citados. Destaco a importância de ter registrado muitas fotografias - que acabaram atrapalhando um pouco meu deslocamento na trilha mas facilitaram muito a confecção deste relato - algumas imagens resumem centenas de palavras e são, de certa forma, a melhor forma de apresentar certos fatos. Em tempos de narrativas distorcidas, nada como uma foto na hora e lugar certos! As fotos são minhas, seu uso é liberado desde que para fins não-lucrativos e espero poder contribuir de alguma forma com o Projeto Yaripo e seus guardiões Yanomami.

Expedição

O primeiro dia deste roteiro é a saída de São Gabriel da Cachoeira. O segundo dia é o primeiro dia na trilha, assim como no Plano de Visitação Yaripo. Maturacá, a trilha, seus acampamentos e o cume do Yaripo estão representados no mapa 1.



Mapa1. Visão geral da viagem desde Maturacá até o Pico. Maturacá está abaixo à esquerda, na confluência do rio Maturacá com o Cauaburis. Porto Tukano fica a 40 km Cauaburis acima (vermelho). Os demais acampamentos estão marcados ao longo da trilha de subida (bandeiras). Embaixo a curva altimétrica com altitudes de cada acampamento, desde o Cauaburis até o cume do Yaripo.

1º Dia

No dia 10 de Novembro de 2023 o grupo de turistas conduzidos pela Ambiental Turismo saiu da pousada Bawari, em São Gabriel da Cachoeira, às 5h30, para uma viagem de duas horas na BR307 até o porto do Yá-Mirim (8h). Após embarque de pessoas e mantimentos (Fig.

1), o grupo partiu em três embarcações (voadeiras de 11m, motor 40HP) até a sede da AYRCA em Maturacá-Ariabú (Mapa1). Chegou aproximadamente às 15h e foi recebido pela comunidade (Fig.1).



Fig. 1. Fim do trajeto pela BR307 e saída do porto no rio Yá-Mirim. Chegada e recepção dos turistas na AYRCA em Maturacá, com falas de lideranças Yanomami, AYRCA, Kumirayoma (Assoc. das Mulheres Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes), equipe Yaripo e turistas. Foto da expedição.

Já neste primeiro dia experimentamos a rotina do almoço-janta (veja abaixo), seguido apenas por uma merenda reforçada com açaí local no começo da noite. Nesta primeira noite turistas não acostumados à Amazônia podem "experimentar" o modo de dormir em rede - será essencial dominar esta arte nos próximos dias para garantir a recuperação do esforço nas caminhadas. O espaço na varanda da AYRCA é confortável e seguro. Mesmo normalmente não tendo "carapanás" (pernilongos), é sempre boa prática usar mosquiteiro - várias doenças tropicais são transmitidas por picadas de hematófagos, especialmente malária, leishmaniose e doença-de-Chagas. Mal-estar causado pelo primeiro contato com certos patógenos, como vírus e bactéria, podem acontecer em turistas ainda não imunizados naturalmente. Normalmente diarréias e outros sintomas passam em dois ou três dias, no máximo, mas é sempre bom prevenir a contaminação, principalmente em relação à água, durante toda a expedição. Contaminação por protozoários provenientes de fezes de animais selvagens podem trazer sequelas em curto, médio e longo prazos (e.g. *Giardia spp.*).

- no primeiro dia de contato com Yanomami, operadores já podem antecipar algumas vivências futuras com Yanomamis; deve-se deixar bem claro que o respeito ao seu direito à privacidade é essencial. Yanomami, apesar de serem corteses, de forma geral não apreciam ser fotografados sem autorização.
- a rede deve ser leve, forte, estar em boas condições (sem rasgos ou furos), não ser muito pequena e ser bem montada, mesmo em pouco espaço; sempre bom ter uma rede (leve) de reserva.
- o mosquiteiro é importante para prevenir algumas doenças tropicais - importante recomendar seu uso.
- da mesma forma, sugere-se cuidado nestes primeiros momentos com alimentação, principalmente com o excesso de itens muito gordurosos, como açaí e bacaba (pode levar à diarréia), ou preparados e comidos com as mãos, e água, que deve ser tratada com hipoclorito ou equivalentes durante toda a viagem.

2º Dia

Pela manhã, após a cerimônia de benção dos pajés e lideranças tradicionais ocorreram os preparativos finais de distribuição e pesagem da bagagem, de organização do rancho, e distribuição das bagagens dos brancos para os carregadores contratados (Fig.2). A partida de Maturacá ocorreu aproximadamente às 8h30 e após 44 km em viagem pelos rios Maturacá e Cauaburi chegamos ao porto de desembarque às, 12h00. Após um lanche rápido iniciou-se o primeiro trecho de caminhada de 7 km em floresta de terras baixas, do porto até o acampamento do Irokae (130m). Na chegada, como seria a rotina e todos os acampamentos subsequentes, Yanomamis se encarregaram da limpeza do acampamento, construção de barracos provisórios, estrutura de cozinha, além da preparação da comida. Turistas se encarregam de armar suas redes, organizar pertences e higiene pessoal. O almoço-janta foi servido aproximadamente às 16h. No Irokae começamos a viver esta rotina de acampamento: estrutura de barracos, redes, rio, dinâmica de cozinha, água e alimentação, e rotina de chegada e saída.



Fig.2. Em Maturacá a organização da bagagem coletiva e individual entre os carregadores - aferição de peso. Saída de Maturacá. Rio Cauaburis e primeiros avistamentos da Serra da Neblina. Desembarque no Porto Tukano e preparação para o primeiro trecho de caminhada. Chegada no acampamento Irokae.

- a partida de Maturacá é um momento importante na expedição, mas pode ser melhor explorada para o reforço de acordos conjuntos e antecipação de possíveis respostas a situações desconfortáveis, tanto para turistas quanto Yanomami;
- a organização do equipamento, alimentação e distribuição de peso entre os colaboradores da montanha, bem como os acordos sobre o serviço de carregamento de carga dos turistas, ocorre neste momento - os arranjos devem ser mais claros o quanto possível, sobre peso (e sobre-peso) e valores principalmente, e também checagem, de preferência por várias pessoas treinadas, do material coletivo da expedição.
- conscientizar os turistas a levarem apenas itens essenciais na subida - mesmo que estejam pagando por isso; quilos de material que não será utilizado, como equipamentos não contribuem em nada para o bem-estar e bom desenvolvimento da expedição;
- muito importante: deve-se conscientizar os turistas a diminuir a influência do dinheiro durante a expedição - o abismo cultural é grande e Yanomami não tem a mesma familiaridade que temos; atos de ofertas de dinheiro para fins específicos, ou mesmo compra de produtos, devem ser cuidadosamente avaliados; em Maturacá, no fim da viagem, existem diversos produtos e souvenirs para venda;

3º Dia - chegada no Acampamento Gavião

A partir deste ponto passamos a acordar 6h e começar a caminhada às 7h. O clima quente e úmido das terras baixas nos obrigou a fazer diversas paradas para descanso (Fig.3) ao longo do percurso de 7km até o novo acampamento do Gavião, aos 466m. Mesmo após a quebra do percurso pela metade, que originalmente era feito até o Bebedouro Novo neste dia, considerei este trecho ainda como o mais difícil de toda a viagem - pela dificuldade do percurso e a falta de condicionamento do corpo ao processo da caminhada com peso da minha mochila cagueira. Tive dores nas costas e sofri com o peso nos dois ou três primeiros dias, até meu corpo recuperar condicionamento. Mesmo tendo deixado 2kg em Maturacá (banco de energia, roupas e bota extra), o peso da mochila ainda era demais neste começo de caminhada. Deixei mais 2 kg no Gavião (roupas e bota extra) e dividi meu 1 kg de amendoim com todos, com apenas aproximadamente 15 kg mais 2 litros de água, minha condição pra caminhar melhorou muito.

- para quem vai carregar seu peso, atenção: os únicos items essenciais mesmo são garrafa d'água, kit higiene e remédios, lanterna, rede, saco de dormir, lençol, mosquiteiro, isolante, toalha, chinelo, e um kit de roupa pra caminhar e outro seco pra dormir; tudo o mais é excesso e deve ser bem pensado;
- bom ter sacos plásticos ou estanques para garantir pelo menos a rede, roupas e toalhas secas no fim do dia.

Posteriormente, as representantes do ISA (Instituto Socioambiental) e da AYRCA me informaram que a parada no Gavião não estava prevista para esta expedição: só seria implantada na próxima temporada de visitas, com as novas operadoras. Não houve menção a esta parada em nenhuma reunião ou durante o percurso, desde que partimos de São Gabriel da Cachoeira ou mesmo Maturacá, antes da partida para a trilha. Conhecia o Gavião por menção no plano de visitação, apenas. No entanto, durante a trilha, tanto operadores quanto guias Yanomami falaram sobre a parada do Gavião naturalmente; os guias contaram que havia sido reformado e era realmente um dos acampamentos mais agradáveis. Assumi automaticamente que esta parada já estava incluída no roteiro. Não estava. Mas caiu bem - eu estava exausto e com as costas e pescoço doídos - parar no Gavião e tomar um banho de igarapé foi um alívio. No caminho os Yanomami haviam

coletado bastante bacaba, que foi batida e peneirada durante a preparação da comida. O acampamento tem potencial para se tornar um bom referencial em percursos intermediários e atividades de pesquisa, que não necessariamente levem o grupo até o pico (Fig.3).



Fig. 3. Toda a equipe em parada para descanso ao longo da trilha. Chegada no Gavião e instalação das lonas e estruturas. Preparação do almoço/jantar em fogueiras no chão e do "vinho" de bacaba coletada ao longo do caminho.

4º Dia - chegada no Bebedouro Novo

Após café e desmonte do acampamento fizemos o deslocamento, com paradas (Fig.4), por um trecho de floresta alta, úmida e exuberante, até o acampamento Bebedouro Novo, a 870m de altitude. Partindo do Gavião, descansado, foi o trecho mais fácil e agradável de caminhada. Houve um caso de provável intoxicação alimentar e, no dia seguinte, três colaboradores retornaram para o Irokae. O rio é próximo, bonito, e com água abundante para um banho (frio) de cachoeira.

Aqui saboreamos um prato Yanomami: cogumelos silvestres (coletados durante o percurso) preparados na folha, que foram servidos com dois tipos de cará e um terceiro tubérculo típico dos Yanomami, que nenhum branco (Nape) conhecia. Neste dia os Yanomami me pediram autorização para caçar um porco - justificaram que havia pouca carne (a esta altura só havia carne-seca e não abundante). Contrariado, após uma longa discussão com os guias e o operador, concordei que seria possível com a condição de que apenas os Yanomami comessem. Avisamos aos turistas e pedimos que colaborassem não comendo e não divulgando pelo fato de ser uma situação excepcional, fora dos acordos de operação, tanto por necessidade de qualidade proteica, quanto por oportunidade - os porcos estavam muito próximos. Todos entenderam os argumentos principalmente por estarmos em terras e seguindo os costumes Yanomami, mas, mais tarde ficamos sabendo que alguns turistas haviam provado a carne. Foram dois porcos caititu (*Pecari tajacu*) que, infelizmente e contrariamente ao que tínhamos combinado, foram expostos e todos os turistas puderam acompanhar sua chegada ao acamamento. Nessa mesma tarde o jiral foi construído, o processo de defumação (moquear) foi iniciado e carne foi assada e cozida para o jantar dos Yanomami.

- apesar de proibida por acordos internos ao projeto, a caça, como parte da cultura Yanomami, não pode ser proibida em seu território; por isso é importante que estes acordos sejam sempre relembrados antes da partida; apenas em situações extremas, como falta de proteína na alimentação, a caça na presença de turistas pode acontecer, e discretamente, de preferência;
- turistas devem ser preparados para este tipo de eventualidade - mas apenas Yanomami podem caçar e se alimentar de caça nesta área do Parque Nacional - turistas não podem.



Fig.4. Parada para descanso. Fisionomia da vegetação neste trecho de floresta montana. Igarapé com água abundante e cachoeiras para banho.

5º Dia - chegada no Acampamento Laje

Neste dia tivemos um trecho de caminhada dura, de 5 horas de duração, com 800 metros de ganho altimétrico em 6,1km, até a cota de 1660m. Acontece mais uma transição de tipo florestal (provavelmente submontana para montana) pelo aparecimento de algumas espécies indicadoras, como samambaias arbóreas (Fig.5). A trilha segue por uma crista íngreme, que exige preparo de todos, tanto turistas quanto Yanomamis, até chegar ao acampamento Laje.

Aqui também parece ser uma boa base para turismo de observação da natureza e *birdwatching*: ao lado do acampamento foram registradas Aves interessantes, como o gavião-pega-macaco *Spizaetus ornatus*, o urutau *Nyctibius aethereus*, e também típicas das florestas dos Tepuis, como o beija-flor *Campylopterus duidae* (lek) e *Synallaxis macconnelli*. Um estudo conduzindo um mapeamento detalhado da composição e 'turnovers' faunísticos e identificação dos principais 'spots' para observação de Aves, ou outros elementos interessantes para turistas especializados, é uma atividade prioritária, principalmente se pensarmos em subsídios para a expansão das possibilidades de passeio associados à trilha do Yaripo Yanomami.

A água é escassa neste período do ano no igarapezinho ao lado do acampamento (veja abaixo).



Fig.5. Samambaia *Dicksonia* sp., elemento de altitude. Parada para descanso de Yanomamis e turistas. Aspecto geral do acampamento Laje antes da montagem das lonas. Acampamento montado com Yaripo ao fundo, como visto da cozinha.

- uma das sugestões dos Yanomami é construir uma pequena barragem na mina d'água para que se possa acumulá-la, principalmente na seca.

6º Dia - chegada no Acampamento Base

Após café da manhã e desmonte das lonas seguimos diretamente pela crista para ganhar mais 400m até o platô de 2000m da Bacia do Gelo. Com tempo bom, em alguns trechos, é possível visualizar o Yaripo em sua face Leste (Fig. 6), a mais íngreme e com quilômetros de rocha exposta. Neste trecho a floresta ganha novos elementos de altitude, como musgos *Sphagnum spp.* e bromélias, até finalmente trocar a vegetação arbórea da encosta por arbustiva no platô. A trilha apresenta setores nos quais a remoção da camada protetiva expõe o solo frágil à erosão e vossorocas (Fig. 6), o que acende um alerta sobre capacidade de suporte e atividades de manutenção.

Na entrada do platô a queimada recente ainda estava muito evidente (Fig.6), mas novos brotos de bromélias demonstram que não houve uma segunda queima. Seguindo a trilha há trechos sobre rochas nuas, mas também ambiente instável de turfa e lamaçal. Nestas áreas há diversos caminhos paralelos abertos ao longo de anos, o que amplia o dano à vegetação, que tem dificuldade de se estabelecer nas poças abandonadas de lama. Foi neste trecho que nosso guia nos mostrou a primeira evidência de garimpo, logo na entrada do platô; posteriormente também em outras áreas da Bacia do Gelo. Na chegada ao acampamento base notamos que, apesar de duas barracas ainda terem a sua estrutura intacta, duas delas tinham sido destruídas. E havia lixo de latas de ração militar. Yanomami levaram algumas horas para reconstruir duas barracas e o restante da infra-estrutura do acampamento, infelizmente usando palmeiras e outros recursos florestais - já não abundantes ao redor da clareira (Fig.6).

- Estruturas permanentes de maior duração, como barracas fortes cobertas com palha, ofereceriam conforto, tempo no acampamento para outras atividades, e poderiam poupar recursos naturais importantes, especialmente nos acampamentos mais altos.



Fig. 6. Chegada ao platô e caminada até o campo-base. Vista do mirante na chegada ao platô. Campos queimados na beira da trilha, com vegetação endêmica e sensível a perturbações. O acampamento Base fica em meio à Bacia do Gelo, cercado de vegetação sobre-utilizada. Lixo e falta de cuidado na manutenção do acampamento por expedições não ligadas ao projeto nos recebem.

O igarapé é muito gelado mas agradável e com muita água para banho. Foi nesse ambiente que dois turistas me pediram autorização para um 'ataque' não planejado ao 31 de março, pico anexo ao cume do Neblina (~1km distância). Fiquei muito chateado após a menção à possibilidade de um 'extra' para um dos guias e disse que por não estar no plano e nem em qualquer acordo com a comunidade, instituições, lideranças, associação, a respeito do percurso da expedição, não poderia autorizar. Por fim, em reunião, ICMBio, operadores, que já sabiam destas tratativas e se opuseram, e guias Yanomami resolveram que não seria possível quebrar o protocolo e fragmentar o grupo para atender demandas particulares.

No fim da tarde o Yaripo ficou completamente exposto e propiciou um momento de descontração e "selfies" (Fig. 6). A Bacia do Gelo (2000m) é muito fria à noite. Na minha rede de nylon, mesmo equipado com saco de dormir 0°C, e vestido com roupas quentes, não resisti a 10 minutos com frio nas costas. Só tive conforto pra dormir com o uso de um pedaço de EVA de 2mm, que usei como isolante forrando a rede. Alguns turistas não tinham equipamento: um conseguiu um saco de dormir sobressalente de outro turista (montanhista) e outro teve que se embrulhar em mantas de alumínio do equipamento de emergência dos monitores.

- Demandas de alteração de rota, fora do programa, poderiam ser antecipadas e sua impossibilidade melhor explicada aos turistas, para que situações como essa e futuros aborrecimentos possam ser evitados. A alternativa seria que acordos de flexibilização fossem discutidos e estabelecidos entre todos os parceiros;
- rede, saco de dormir e isolante térmicos são fundamentais para bem dormir a 2000m de altitude;

7º Dia - ataque ao cume

O dia do ataque ao cume começa às 5 da manhã com saída antes das 6h. A caminhada é leve até os primeiros degraus, mas exigem cuidado por parte dos guias com pessoas menos preparadas para montanha. Alguns trechos tiveram cordas de segurança instalados (Fig.7). Logo na primeira hora já se pode ver a Bacia do Gelo em toda a sua extensão - se pode ver a Base mas, à medida que subimos as clareiras causadas pelo garimpo ilegal ficam cada vez mais visíveis.

Durante o percurso, trechos de rocha são intercalados com caminhadas em jardins de plantas adaptadas à altitude, pouco familiares para os acostumados à vegetação das terras baixas. A composição destes jardins e campos vão mudando à medida que subimos - é um sentimento de espanto e ansiedade - quantas destas espécies são conhecidas, são endêmicas, ou foram descritas apenas aqui neste lugar? Apenas estas perguntas já justificam o desenvolvimento de uma série de atividades relacionadas à pesquisa, conservação e visitação, em conjunto com a comunidade Yanomami.

A chegada ao cume levou de 5 a 6 horas para nosso grupo heterogêneo de pessoas. Todos chegaram juntos e bem - o cume permaneceu coberto em nuvens por um bom tempo após nossa chegada. Hora de fotos, castanhas e ligações (dois telefones por satélite estavam funcionando).

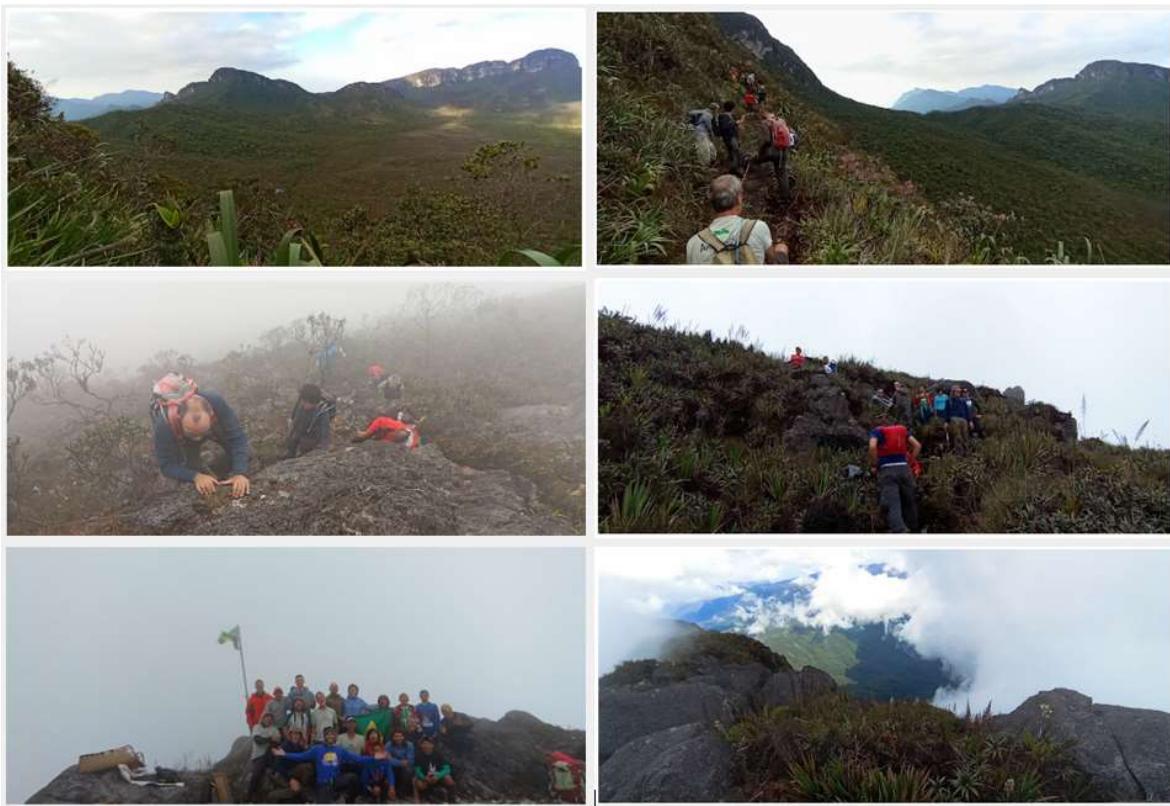


Fig.7. Ataque. Vista da Bacia do Gelo logo após trechos de cordas e escaladas, com destaque para os garimpos, e o acampamento Base como uma manchinha azul. O grupo permaneceu coeso por orientação dos montanhistas e todos percorreram as variadas paisagens do caminho e chegaram juntos ao cume, que estava nublado e ofereceu apenas breves momentos de paisagens.

A volta se deu logo antes das 13h. Apesar de um pouco frustrados pelo pouco tempo no cume, e por não termos podido ver a face Sul/Sudeste, mais alta e voltada para o Parna, todos reconheceram a justificativa dada pelo guia Agostinho como uma precaução válida - para evitar andar à noite. Assim, iniciamos a descida que durou pouco menos de 5 horas. Meus pés e joelhos sofreram bastante nessa volta pelo desconforto acumulado ao longo de dias pelo uso de galochas e o longo percurso pela trilha de pedras.

- o uso de calçados (botas) apropriados é incondicional, tanto na floresta quanto nas pedras da Bacia do Gelo e no ataque; as galochas facilitam a caminhada em trechos de lama e água, mas não são apropriadas para longas caminhadas - até Yanomami, que usam galochas, sofrem com dores nas plantas dos pés a partir do meio da viagem.



O Yaripo faz juz ao seu nome "Nape". Neblina.

8º Dia -Base até Bebedouro Novo

No café da manhã, pela falta de tapioca, tivemos panquecas preparadas na fogueira e servidas com ovo e banana frita. Na volta, saímos da Base e não pernoitamos na Laje, mas apenas descansamos e comemos sementes e frutas secas antes de continuar a descida para o Bebedouro Novo, com cachoeiras e muita água para banho. Refeição foi normal: arroz, feijão, carne seca e salada de cenoura e repolho.



Fig. 8. Saída da Base após café da manhã com panquecas preparadas na fogueira. As últimas fotos com o Yaripo aberto. Após os turistas iniciarem a caminhada de volta, a equipe Yanomami desmonta o acampamento e se prepara pra descer. Pose para a foto despedida.

Terapia de grupo

Nessa noite, no Bebedouro, houve uma reunião entre turistas - uma terapia de grupo conduzida por uma psicóloga. Havia um certo "climão" que, de certa forma, dividia o grupo. Alguns turistas reclamavam por causas variadas, que iam desde o preço da expedição, à pouca variedade de comida, ou quantidade de refeições, ou pouca flexibilidade no roteiro (alguns queriam ter ido ao 31 de março), ou falta de liberdade para andar à vontade na trilha ou comer carne de caça, ou "falta de interação" com os Yanomami, ou mesmo conversas à noite, ou disputa por espaço das redes, entre tantas outras demandas idiossincráticas. Por sorte havia sempre algum grupinho mais descontraído, com brancos e Yanomami mais próximos dos Nape - geralmente aqueles com mais domínio do português e menos tímidos.

O abismo cultural é percebido nestes momentos - alguns mal entendidos sobre contaminação do rio por fezes, ou menção ao ciclo menstrual na viagem (que é um tipo de tabu Yanomami), foram causados por ruídos intra-brancos (como a menção ao tabu menstrual) ou Yanomami que escutaram nossas discussões internas sobre a possibilidade de fezes no rio e transmitiram ao restante do grupo o sentimento incômodo. E devo dizer que, apesar do certo alívio entre as relações intra-turistas, esta reunião teve a capacidade de criar um ruído entre brancos e Yanomami que perdurou por vários dias - o mal-entendido foi resolvido com bastante conversa entre ICMBio, operadores e Yanomami, durante um dia todo de conversas e reestabelecimento de confiança.

Essa experiência reforça a necessidade de preparação dos turistas e identificação de possíveis casos problemáticos que possam ser recorrentes em atividades futuras - talvez não por coincidência, a maior parte dos problemas de mal-estar vieram sempre das mesmas fontes de reclamação.

- Deve-se, portanto, enfatizar e reforçar a preparação dos turistas em relação ao código de conduta e diferenças culturais, principalmente aquelas potencialmente mais problemáticas, e verificar se de fato estão preparados para realizar a subida - equipamento e preparação física e mental adequados e regulados.
- Conversas de ajuste de condutas e relações intra-brancos devem considerar os possíveis ruídos decorrentes de mal-entendidos por Yanomami - cautela com temas sensíveis (e.g. menstruação, religião, etc) é importante. Talvez seja importante, com muito cuidado, identificar os principais tabus e temas mais sensíveis à sua cultura para orientar os operadores.

9º Dia - Bebedouro Novo até Irokae

No café da manhã no Bebedouro repetimos o cardápio, desta vez com mais panquecas e preparadas com maior antecedência, desde a madrugada. Uma pequena reunião Yanomami sobre organização interna foi conduzida pelo guia Agostinho (Fig.9) antes de seguirmos.

Provavelmente motivada por algum mal-estar ainda reminiscente da reunião da noite anterior.

Na saída logo notamos o exagero no corte de árvores para a manutenção da trilha e do acampamento (Fig.9). Essa situação se repetiu em diversas outras ocasiões, na outra entrada deste acampamento, no Laje, e no Gavião. Nem todas as arvoretes cortadas foram usadas - esse sobre-uso é um desperdício que pode resultar em falta de recursos futuros e trás um desconforto aos turistas.

Na chegada no Irokae fomos informados que chegaram mantimentos de Maturacá, como galinhas e tapioca. Ficamos felizes também com a bacaba, coletada no caminho e batida na hora. Esse envio de mantimentos só foi possível pelo telefone por satélite, que permitiu a ligação com o escritório de São Paulo, que contatou Maturacá.

- **Telefone satélite é um equipamento importante. Há possibilidade de incorporação ao projeto?**



fig.9. Reunião da equipe Yanomami pela manhã antes de sairmos - provavelmente em função dos ruídos nas conversações. Logo na saída do acampamento notamos o exagero no corte de árvores para manutenção do acampamento, ainda na subida. E sempre existe o momento de confraternização nas paradas de descanso na trilha. Passamos pelo Gavião rapidamente para descansar.

10º Dia - Irokae até Maturacá

A manhã da saída do Irokae já trazia nostalgia - dá vontade de voltar e subir de novo. Mesmo com café reforçado, a caminhada até o porto ainda é pesada. Apesar de ser em terras baixas e ter entre 6 e 7 km o cansaço acumulado já pesa, o que fica evidente na chegada ao rio, na qual todos tomam banho, com roupa e tudo, antes de entrar nas embarcações. A volta foi mais rápida - as equipes embarcadas haviam feito a abertura do caminho e tirado obstáculos que afloraram no rio seco. Mais três horas de barco e já estávamos em Maturacá. Na mesma tarde houve uma reunião de encerramento na AYRCA. Turistas, equipe Yanomami e lideranças da comunidade fizeram um rápido balanço da expedição, com observações e depoimentos. Como sempre, todo dia acaba no banho, com o rio Maturacá excepcionalmente raso.



Fig. 10. Fig.10. Saída do Irokae e ida até Ariabú-Maturacá em navegação pelo rio Cauaburis. Reunião e fechamento da expedição com turistas, guias e lideranças da associação e comunidade. Artesanatos expostos para venda após a reunião e, finalmente, a comunidade toda se reúne durante o banho no rio Maturacá.

11º Dia - Maturacá até São Gabriel da Cachoeira

A saída de Maturacá foi discreta. Logo após um rápido café embarcamos - a navegação seria difícil. Com o nível de água criticamente baixo, melhor sair mais cedo. Vimos o dia nascer descendo lentamente pelo braço Maturacá, até chegar ao Cauaburis, mais propício à navegação, mesmo com grandes pedrais no caminho. Ao entrarmos no Yá-grande passamos por 3 cachoeiras nas quais tivemos que descer e empurrar o barco. Neste rio deixamos os últimos Yanomami da equipe ainda mobilizados, em Nazaré. No Yá-mirim apenas de 30 a 40 centímetros de água sustentavam o barco - foi uma viagem difícil. Ao chegarmos ao porto notamos que havia uma estranha diferença entre os barcos - um tinha pessoas cansadas mas tranquilas e relaxadas; o outro tinha pessoas tensas e irritadas. Como se duas expedições diferentes tivessem acontecido ao mesmo tempo. Foi uma constatação chocante - felizmente eu estava no barco tranquilo. O grande final foi o banho de poeira na estrada nas carrocerias das pick-ups até São Gabriel da Cachoeira. O percurso na estrada, nas antigas e surradas toyota, talvez seja a parte mais perigosa de toda a viagem.



Fig.11. Saída de Maturacá-Ariabú e navegação pelos rios Maturacá, Cauaburis (visão da Serra do Padre - Opota), Yá-grande até o Yá-mirim, este último onde se encontram a comunidade de Nazaré e diversas cachoeiras pelo caminho.

Discussão sobre temas importantes

Alimentação

Nas avaliações a posteriori desta expedição todos os turistas fizeram menção a problemas relacionados à comida. De fato, para alguns houve escassez e pouca diversidade, principalmente no alto da serra. Isso foi testemunhado por mim e nunca foi negado pelo operador da Ambiental. As causas ainda não estão claras, mas tudo aponta para uma combinação de fatores. Durante a expedição este problema começou a ser notado principalmente pela falta de alternativas à carne-seca na principal (e única, exceto pelo café da manhã) refeição diária - almojanta, particularmente a partir do acampamento Bebedouro Novo. Em geral, o cardápio desta refeição consistia em carne-seca frita, arroz, feijão com abóbora (vegetariano), macarrão e salada (cenoura, ou tomate, ou repolho, ou combinações), com variações e produtos locais: bacaba, cogumelos, vários tipos de carás, mingaus, entre outros. Posteriormente ficamos sabendo que parte da alimentação, particularmente as linguiças calabresas e boa parte da goma de tapioca comprada na comunidade havia ficado em Maturacá, na sede da AYRCA.

- Estas ocorrências indicam a necessidade de um refinamento nas atividades de checagem (e contra-checagem) dos suprimentos da expedição antes da partida.

Houve escassez de comida?

Não houve luxo nem muita variedade, mas itens diferentes estiveram disponíveis em dias diferentes. A partir da metade da expedição, gradualmente houve uma diminuição na quantidade de opções, principalmente no café da manhã. Mas todos os dias contaram com comida suficiente para fazer um desjejum básico (no "pior dia" só teve café e banana frita à vontade, veja abaixo) e uma refeição individual completa, suficiente para suprir as demandas energéticas de pessoas com requerimentos medianos pra cima. Eu não levei nenhuma comida extra (exceto por um pacote de amendoim que dividi com todos logo no terceiro dia para diminuir meu peso na subida!) e não passei fome em momento algum. O impacto da fatiga da trilha é tão forte nos primeiros dias que mascara a fome. Como forma de compensação, e também por desarranjos alimentares em dois casos, os turistas começaram a demandar mais comida apenas a partir do segundo ou terceiro dias. E, concorde-se ou não com este protocolo, turistas sempre tiveram prioridade para comer - em todas as refeições. Yanomami, apesar de terem que carregar todo o suprimento, material de acampamento e bagagens de turistas, e montar acampamento, acender as fogueiras e preparar a comida, comem após os turistas. Apesar de não comerem muitas das comidas de branco, como repolho ou salada crua, algumas vezes os últimos a comer ficaram sem carne e/ou feijão, que foram substituídos por ovos.



Fig. 12. Utensílios de cozinha em cesto de naka (mulheres). Bacaba in natura, momentos antes de ser cozida e batida para consumo imediato. Em algumas ocasiões tínhamos mingau nos intervalos entre refeições, que, ao contrário dessa mesa luxuosa, eram servidas geralmente no chão, sobre uma lona. Carás variados e o preparo da banana frita na fogueira. A água estava escassa no igarapezinho do acampamento Laje - caneca por caneca para poder encher uma garrafa. A última foto mostra lixo de cozinha e roupas, deixado no acampamento Base.

O café da manhã foi especificamente objeto de reclamação por (poucos) turistas mais exigentes. Normalmente era servido entre 6h15 e 6h45, para iniciarmos a caminhada às 7h00 e, normalmente, a equipe de cozinha já estava de pé às 5h00 cortando lenha, acendendo

fogueira e preparando alimentos (podia-se ouvir da rede, ainda à noite, e alguns de nós ajudaram em algumas destas preparações matinais). Café sem açúcar e com açúcar, 1 tapioca com ovos mexidos, banana frita e um ou outro complemento esporádico era o cardápio base. Havia ovos mexidos em abundância - geralmente sobrava na vasilha, mesmo após repetições. Nunca faltou café. Pelo menos. A tapioca acabou em algum momento na subida, entre Laje e Base e, provavelmente no primeiro café do Base o desjejum realmente limitou-se a banana e, talvez ovos, fritos. Mas tinha bastante banana (lembro que comi bastante). Uma das fontes de reclamação foi o fato de algum alimento, talvez ovo, ter sido servido em um pote coletivo, pra ser servido com as mãos na tapioca - como muitos de nós e nossos anfitriões Yanomami (veja em algumas das fotos de alimentação). Depois entendi que o turista queria prato e faca, mas também não procurou na cozinha ou escorredor de louça - apenas se limitou a reclamar e deixou de comer, injuriado.

O operador fez algumas vezes o comentário de que não entendeu porque a equipe de cozinha foi alterada e que estava esperando cozinheiras mais experientes em expedições. Anteriormente estava prevista a ida da Lucilene, uma já experiente cozinheira. Por razões alheias a nosso controle e rotação de pessoal entre Maturacá/Ariabú/Nazaré ao longo do projeto (essa expedição contou com uma grande maioria de Ariabú e muitos de Nazaré) foi nomeada a Francilene e sua irmã Aricleia. São ótimas e muito dispostas a aprender, mas com menos experiência em grupos grandes. A dinâmica de coordenar a cozinha e uma equipe em campo já não é fácil e, some-se a isso, o fato de lidar com alimentos desconhecidos pelos Yanomami, tratar alimentos encontrados na floresta, e ter que atender turistas com requerimentos variados, como vegetarianos ou alérgicos, requer preparação e capacitação. Neste sentido é importante que o papel-chave das chefes de cozinha, até por ser a porta de entrada das naka (mulheres) na operação direta do plano, seja valorizado e notado como um atividade-chave na expedição.

Minha impressão geral é que as sensações dominantes mudaram conforme a fase da viagem. Necessidade energética e fome não necessariamente andam juntos. Após o período de adaptação inicial no primeiro dia, o efeito da rotina da expedição, desde a hora de levantar, de dormir, até a hora de comer - e também a familiaridade com a quantidade de comida, assim como a resposta do corpo ao desgaste e às demandas energéticas e estruturais, passa a comandar nossas sensações e emoções. Durante as caminhadas existe necessidade de compensação energética e hídrica, sem dúvida. Mas a necessidade de descanso predomina sobre as outras - na ida, no início, senti muito o peso da mochila nas costas - na volta a dor passou para a sola e estrutura do pé, e pela parte superior da articulação dos joelhos - a dor desceu para as pernas, desde a volta do ataque ao cume.



Fig. 13. Atividades de preparo de comida, na qual a equipe de cozinha atua sob a coordenação da cozinheira-chefe e de sua vice, com vários colaboradores assistentes; preparação de panquecas e outros ingredientes do café da manhã no campo Base; água abundante no igarapé do Gavião, que abastecia os galões do acampamento, tratados com produto químico (ver primeira foto); a última foto mostra a precariedade de abastecimento de água na Laje.

Água

Todos os acampamentos, exceto Laje, tinham água abundante e de boa qualidade. À água eram adicionadas duas gotas por litro de hipoclorito anti-contaminação: após 15 minutos os galões de 20 litros eram disponibilizados no centro do acampamento. Não faltou água em momento algum - Yanomami mantinham sempre o garrafão com água tratada. No Laje, uma das demandas dos Yanomami é a construção de um mini-reservatório que acumule a água represada. Pela escala e tamanho do riacho, não acredito que um pequeno reservatório cause impacto significativo. Pelo contrário, pode ser uma fonte de água para a fauna em períodos de escassez. Entretanto, a inclinação do terreno pode fazer com que enxurradas levem toda estrutura ali construída em poucas semanas.

Possíveis sugestões a serem incorporadas incluem:

- implementar, ou melhorar, o sistema de 'double-check' dos suprimentos no embarque para a trilha;
- estudar a possibilidade de cardápios alternativos de segurança em caso de escassez, como itens liofilizados, leves, e de fácil preparação;
- da mesma forma, estudar alternativas especificamente para o café-da-manhã e atenção às merendas na trilha durante deslocamento - para turistas e Yanomami;
- retomar as atividades de capacitação e treinamento das cozinheiras e equipe de cozinha;
- aprimorar comunicação entre os parceiros do projeto, operadores e turistas para o refinamento e acompanhamento da alimentação;
- construção de um pequeno reservatório de água no acampamento Laje;
- alguma estrutura para suportar bebedouros de água (segurar o garrafão para encher um copo ou garrafinha pode ser difícil para algumas pessoas sozinhas);

Infra-estrutura dos acampamentos

Cozinhas

Uma das características de toda a viagem que mais chama a atenção, olhando do ponto de vista do turista, é a precariedade das (escassas) estruturas de cozinha. Há um certo 'charme' e atratividade na maneira rústica e tradicional de utilizar fogueiras e apoios de madeira para panelas para cozinhar no chão - de fato é uma das experiências mais tipicamente Yanomami de convívio na floresta à qual os turistas tem acesso. No entanto, tanto o consumo exagerado de lenha, em um contexto de baixo rendimento de fogueiras, quanto a situação desconfortável para as cozinheiras e ajudantes causada pelo excesso de fumaça - por terem que passar boa parte do tempo agachados próximos ao fogo - poderiam ser evitados com medidas simples. Além do uso de fogareiros, fogões de barro tem o potencial de concentrar o fogo, diminuir a emissão de fumaça e diminuir muito o consumo de lenha - quando for inevitável ou não houverem fogareiros.

Dormitórios

A estrutura mínima para a operação confortável em cada acampamento não está instalada, ainda. Nesta expedição, que foi sobre-dimensionalizada em número de pessoas na trilha ($n = \sim 36$ pessoas) e é, portanto, uma fonte referencial de lotação, a acomodação dos 13 brancos ocupou dois barracos grandes, um inteiro e outro pela metade. Yanomami ocuparam a metade restante e mais, pelo menos, dois ou três barracos provisórios, dependendo do tamanho. Esses barracos provisórios são construídos de forma muito particular - uma estrutura típica Yanomami, na qual a lona é apoiada sobre uma estrutura de telhado baixa, bem mais frágil do que a dos barracos permanentes, e cada rede é sustentada diretamente por duas estacas diretamente pregadas no chão. Essa forma de 'acampar' é eficiente para atividades rápidas, de poucos dias, pois demanda menos mão-de-obra do que um barraco permanente. No entanto, os constantes reparos e trocas de estacas, em médio e longo prazos aumentam em muito o consumo de arvoretas de médio calibre (d.a.p. 10~20cm). Até mesmo a construção de mesas e bancos (veja fotos), se não se configurarem como estruturas minimamente duráveis, deveria ser repensada e evitada.

Irokae



Gavião



Bebedouro Novo



Laje



Base



Fig. 14. Imagens das estruturas dos acampamentos.

Barracas grandes com cobertura de palha de palmeira estão montadas apenas no Irokae (2 barracas) e no Bebedouro Novo (1). Nos demais não há, mas apenas barracos provisórios, alguns precários. A falta da cobertura causa um problema logístico importante, que é o transporte de lonas para cobrir as barracas. Como agravante, não se pode deixar as lonas nos acampamentos - existe circulação de caçadores (vimos um caçador à noite atravessando o acampamento do Irokae) e garimpeiros na trilha, que roubam materiais permanentes. Nesta expedição, ademais, os Yanomami reclamaram a respeito da qualidade de algumas das lonas levadas, descartáveis, estreitas e muito frágeis - poderiam ter rompido em caso de ventos mais fortes e dificultam a montagem e desmontagem dos acampamentos. Bebedouro Novo e Laje possuem troncos grandes caídos sobre a área do acampamento. Principalmente em Laje, seria ideal utilizar a madeira de grandes árvores já derrubadas para fazer melhorias nos precários barracos, como suportes e mesas, e construir outros definitivos, além da necessária construção de uma cozinha com piso e mesa. Os barracos de Laje não são reforçados como os de Irokae e Bebedouro Novo e a maior parte dos Yanomami dormiu em barracos pequenos e provisórios.

Em termos de infra-estrutura, o acampamento mais crítico é Base. Benfeitorias não podem ser facilmente construídas ou reconstruídas - o suprimento de madeira na vegetação da Bacia de Gelo é muito sensível. A dois mil metros, temperatura e solo arenoso e enxarcado são fatores limitantes para a regeneração da floresta, que possui baixo crescimento e poucas espécies lenhosas, entre elas as massarandubinhas (*Manilkara spp.*), endêmicas e ameaçadas de extinção. O acompanhamento do status e dinâmica populacional destas arvoretas deveriam, idealmente, preceder qualquer uso e manejo das espécies.

Lixo / banheiros

Os protocolos de lixo são tácitos, e aparentemente funcionam bem. Não tive nenhuma experiência negativa a respeito. Cada turista trouxe seu lixo e creio que a maior parte do lixo coletivo voltou - não ficou clara a sua destinação em Maturacá, mas deve ser o fogo. Acredito que o lixo orgânico não seja problema na maior parte da trilha, pois a floresta rapidamente se encarrega de utilizar os recursos. Base, por outro lado, exige mais cautela na avaliação pela dinâmica diferenciada das condições físicas e da biota de altitude. Nutrientes são bem vindos, mas provavelmente em um buraco, pela decomposição mais lenta.

"Banheiros" também foram motivo de reclamação, principalmente entre as mulheres. Deve se implementar sistemas duradouros, como o existente no Gavião, com buracos e estrutura para apoio, que facilita a aplicação de cal mas, por outro lado, estabelecer de fato uma diferenciação e distanciamento adequados entre os banheiros destinados a homens e mulheres. Nesta viagem estabelecemos um protocolo de marcação com estacas para delimitar a presença de alguém no banheiro. Talvez com estruturas mais bem montadas, com teto e parede, se possível, esta delimitação seja facilitada. Na Base, novamente, a dificuldade para operacionalizar o banheiro é muito maior. Alternativas consistiriam em aproveitar trilhas ao redor e fazer buracos e estruturas de isolamento.

Então, sugere-se considerar:

- fazer barracos de cozinha permanentes com boas mesas para organizar e cozinhar;
- placas de recepção ao acampamento com informações como nome, altitude, distâncias, capacidade, recomendações, mapa de banhos e banheiros, entre outras informações úteis;
- especialmente no Base, deve-se tentar encontrar alternativas para uso da vegetação local para fogo e construção de barracos; o ideal seria a construção, com materiais alóctones, de um centro de fiscalização, com dormitórios para servidores e estrutura para recepção de hóspedes, com cozinha e banheiros; portar fogareiros de montanha à base de gasolina ou querosene, de alta potência, principalmente na Bacia do Gelo;
- construir fogões simples à lenha ou deixar alguns fogões de barro escondidos nos acampamentos na floresta;
- continuar a incorporar gradualmente adaptações no cardápio e lista de opções com alimentos leves (para carregar, liofilizados) e de fácil preparação;
- deve-se avançar em expedições de manutenção e construção: três ou quatro barracas completas, com cobertura de palha, diminuiriam o impacto ambiental ao redor dos acampamentos, derrubadas injustificadas de pequenas árvores e a complicação logística do uso de lonas;
- investir em lonas "de caminhoneiro", grandes e mais duráveis e, concomitantemente, aumentar o controle sobre materiais permanentes do projeto;
- levantar as prioridades - provavelmente Laje e Base sejam os acampamentos em piores condições e prioritários para reformas;
- estimular que a AYRCA controle melhor materiais permanentes do projeto, como lonas e ferramentas;
- banheiros permanentes, separados por gênero, com capacidade de isolar e garantir privacidade às mulheres;
- protocolo e política mais transparente de uso, recolhimento e transporte de diversas categorias de lixo, coletivo e individual;
- alternativas como o transporte de volta das fezes dos turistas e Yanomami devem ser sempre avaliadas; existem tabus sobre carregar fezes?

Colaboradores da montanha - carregadores Yanomami

Durante a trilha, principalmente na subida, verificamos que alguns colaboradores estavam carregando mais de 40 quilos no jamanxin! Eu, e também os montanhistas profissionais, mal conseguimos levantar o jamanxin do chão (foto abaixo - Fig. 15). Além de sua bagagem pessoal cada carregador leva um excedente para o coletivo, que será suprimento de comida para si mesmo, seus companheiros e turistas, material de acampamento, como cordas, cipós, lonas, ferramentas, ou mesmo a bagagem de turistas, desde redes, roupas, até pesados equipamentos como câmeras e tripés - muitas vezes pouco, ou nem mesmo utilizados na viagem. Apesar da pesagem em Maturacá, ao longo dos dias alguns carregadores são mais exigidos que outros, que acontece mais ou menos naturalmente, pela capacidade diferenciada entre cada um, durante a desmontagem dos acampamentos, na reembalagem do material de cozinha, e do próprio material dos turistas. Segundo, Tadeu Tapo-tapo e Aranha Wäikôxeam, os montanhistas monitores, existe um consenso e critérios internacionais que definem que o excesso de peso é prejudicial em médio-longo prazos: valores em torno de 25 kg, na média, seriam aceitáveis em termos de desgaste corporal. Mesmo muito fortes, pode-se notar facilmente que, às vezes, o peso está além do que seria adequado para alguns condutores de montanha. A única forma de garantir clareza na questão do peso, tanto na relação branco-Yanomami quanto entre Yanomami, é estabelecer critérios claros e justos, nos quais as diferenças de tratamento sobre peso dos jamanxis sejam claramente definidas (e.g., se algum colaborador mais forte deseja levar 10 kg a mais, se puder, teria essa diferença remunerada ou negociada de outra forma). Já lançamos esta ideia em Maturacá, e foi bem recebida por membros da AYRCA, guias Yanomami e colaboradores da montanha.



Fig.15. Yanomami descansam na trilha deixando por instantes os pesados jamanxins no chão. Raul, depois de passar a noite toda com febre, volta com seu irmão e outro colega para Maturacá. Yanomami contemplam a vista da Bacia do Gelo, a 2000m; e durante o ataque ao cume.

Recomendações:

- a mais justa solução para o excesso de peso das bagagens de turistas carregadas por Yanomami seria o pagamento por peso para o excesso de bagagem: por exemplo, R\$10,00 / kg / dia resultariam em 100 reais por kilo em 10 dias, o equivalente a 1000 reais por 10kg em 10 dias de expedição. Essa é a única forma de desencorajar turistas a levarem bagagem inútil (nas costas dos Yanomami) - excesso de peso é compensado por maior remuneração e maior número de carregadores, quando este excesso é indispensável ou muito necessário.
- o maior número de carregadores, em caso de contratações extra para bagagens de turistas, deve ser cuidadosamente compensado com mais suprimento de comida: dependendo do número, talvez mais carregadores;
- um cálculo como a cada 2 ou 3 extras mais 1 (também remunerado) poderia compensar o déficit de alimentos pelo maior número de pessoas;
- fazer aferição de peso ao longo da trilha, com compensação entre aqueles que tem mais condição de carregar mais peso, mas com transparência e eqüidade.
- pensar em alternativas de logística - deixar material, como lonas ou utensílios de cozinha, de alguma forma que não sejam roubados, ou fazer viagens anteriores ou concomitantes de abastecimento poderiam ser soluções alternativas;

Trilha

De forma geral a trilha encontra-se em boas condições - é uma trilha muito antiga, tradicional, e que vem sendo usada por Yanomami para caça e coleta, carregadores de suprimentos para o garimpo, garimpeiros, militares, e também turistas, exploradores e cientistas, ao longo de décadas. No entanto, algumas falhas graves podem ser detectadas:

1) não existe sinalização no trecho de floresta, notavelmente em algumas bifurcações importantes. Todo o deslocamento depende do conhecimento dos guias. No caso do nosso grupo heterogêneo, turistas mais bem preparados fisicamente pressionaram o guia para andar mais rápido e, ao mesmo tempo, aqueles com maiores dificuldades ficaram para trás, junto ao segundo guia no fim da linha. Isso resultou em conjuntos de deslocamento muito estendidos, por diversas vezes. Apesar dos montanhistas e guias tentarem compensar de alguma forma, o jeito mais fácil de agrupar, sem quebrar muito os ritmos individuais de cada um, o que é essencial para longas caminhadas, foi estabelecer 2 ou 3 'check-points' ao longo do percurso para descanso ao longo dos deslocamentos, em que a vanguarda esperava até o último membro chegar antes de se deslocar novamente. Mesmo assim, a linha podia se estender ao ponto de turistas terem que esperar a chegada de Yanomami experientes para poderem decidir qual trilha tomar, em algumas bifurcações. Um grupo separado, na volta, passou direto na entrada do Gavião, também não sinalizada, onde havíamos parado para descansar e merendar. Estas situações, e muitas outras possíveis, principalmente em situações de emergência, seriam facilmente evitadas com placas de sinalização adequadas nestes entroncamentos.



Fig.16. Trilha do Yaripo. Não há sinalização nenhuma na trilha; a erosão já é bem evidente, tanto na encosta quanto no platô; vegetação e turfa degradadas e pisoteadas tornam-se poças de lama na qual a vegetação não se regenera.

2) há trechos, especialmente nas partes mais íngremes da saída da Laje para o platô, e também em partes de solo areno-rochoso no platô, em que a erosão atinge a trilha com muita intensidade (Fig. 16). Estas áreas de erosão prejudicam a caminhada e podem levar a mini-desabamentos e comprometer elementos da vegetação ao redor da trilha, particularmente na encosta que logo antes do platô.

3) poças de lama acumulam-se em partes da trilha em que a frágil vegetação arbustiva foi pisoteada em solo de turfa (Fig. 16). Nestas poças a vegetação não se regenera, provavelmente pela falta de substrato para fixação e excesso de água, o que resulta em grandes bacias de difícil acesso, que forçam a passagem por outras áreas de vegetação também sensível, que será impactada da mesma forma. Como resultado um labirinto de caminhos dificulta a localização e aumenta o impacto ambiental nestas áreas sensíveis.

4) em alguns trechos com algum grau de risco (*vide* imagens na Fig.17) alguns equipamentos de segurança, como escadas ou cabos de aço ou correntes, não estão perfeitamente adequados para pessoas com maiores dificuldades de locomoção. As principais dificuldades são alguns grandes intervalos entre degraus de ferro em certas passagens e falta de degraus em outras. Algumas dificuldades foram superadas pelo uso de cordas de segurança e apoio, e ajuda dos montanhistas mais experientes, tanto guias como turistas.

Todos os turistas com algum tipo de dificuldade em algum trecho relataram terem sido ajudados e orientados pelos montanhistas turistas e monitores e Yanomami. O grupo subiu coeso - apesar de retardar quem poderia ter subido mais rápido, a coesão estimulou a ajuda mútua.



Fig.17. Equipamentos fixos e também provisórios de escalada e segurança utilizados no ataque ao cume.

Recomendações:

- **Sinalização:** a instalação de placas de localização e direção é uma forma rápida e barata de diminuir riscos de desorientação, aumentar a segurança em situações de emergência e trazer informações de interesse, tornando a experiência de caminhar mais prazerosa;
- **planejamento e execução de obras de contenção** são essenciais para a manutenção da trilha e da vegetação, principalmente nos trechos finais da encosta (entre Laje e platô) e algumas passagens na bacia do gelo; uma atenção especial aos recursos que serão utilizados é importante;
- deve-se evitar ao máximo a retirada de madeira e estacas da vegetação local nestas áreas, especialmente na Bacia do Gelo;
- nas áreas de turfeiras e vegetação sensível deve-se pensar formas de diminuir o impacto e melhorar as condições de caminhada para os turistas e Yanomami;
- **Ajustes nos equipamentos permanentes e instalação de novos degraus** podem facilitar sobremaneira a escalada para pessoas com dificuldades intermediárias - uma expedição de manutenção e readaptação destes equipamentos é fundamental;
- **Zoneamento de todo o percurso: com subdivisões detalhadas sobre trechos específicos e suas características e geo-referenciamento,** tanto em relação ao potencial turístico, quanto questões de preservação e segurança; este mapeamento é essencial para estruturar estratégias de manutenção e operação na trilha.

Garimpo / Queimadas

A poucos metros da entrada no platô, próximo ao mirante, já se pode verificar que a vegetação sofreu com uma queimada relativamente recente. O impacto se extende por algumas centenas de metros após o mirante, ao longo da trilha. Essa situação levanta a questão sobre a origem destas queimadas. Apesar de queimadas por causas naturais, por raios, serem comuns, a ocupação da Bacia do Gelo por garimpeiros, que utilizam fogo para cozinar e aquecer, é um fator que aumenta muito a chance de eventos de fogo fora de controle. Além do mais, Yanomami relataram que a vegetação é "limpa" na preparação para a realização de garimpo de maior escala e, nesses eventos, grandes áreas de vegetação são queimadas. Deve-se lembrar que a vegetação da Bacia do Gelo é única, pela alta representatividade de elementos endêmicos, dezenas de gêneros e centenas de espécies restritas a esta região. Pelo fato da vegetação ser heterogênea, com várias fisionomias distintas ocupando gradientes de altitude, solo e umidade, não se pode nem prever o quanto de patrimônio genético ainda não descrito pode se perder em cada evento de fogo.

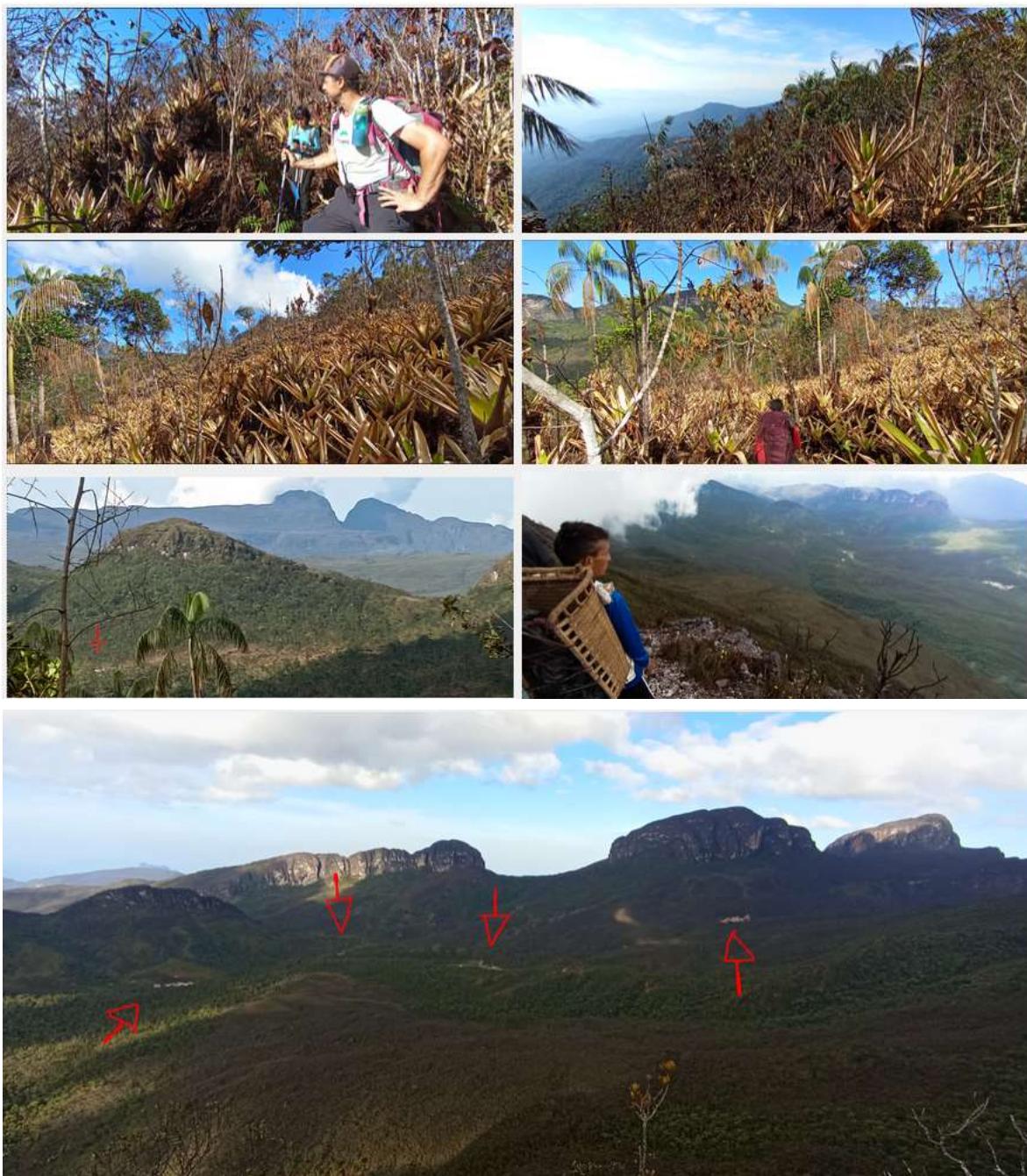


Fig. 18. Impacto do fogo sobre vegetação ao longo da trilha na entrada do platô; o primeiro garimpo (Gavião), próximo à entrada do platô; o rio que corta a Bacia do Gelo e que leva o mercúrio do garimpo ilegal até Maturacá já está totalmente assoreado, conforme observa o Yanomami Edgar; visão panorâmica (da trilha do cume) da marca deixada pelo garimpo ilegal com atividade (pela presença de lonas de acampamento) na Bacia do Gelo.

O primeiro garimpo detectado está logo depois da entrada no platô, o Gavião, conforme detectado pelo nosso guia. Uma lona azul identificou a presença de atividade na área (não visível nas fotos pela distância, mas visível com binóculos). Da mesma forma, da trilha de subida ao cume pudemos presenciar mais quatro áreas, pelo menos, com grandes desbarrancamentos promovidos por máquinas em atividades ilegais. Na última foto da Fig. 18 pode-se visualizar toda a extensão da atividade na Bacia do Gelo, inclusive o assoreamento intenso do rio, antes de descer pelo canyon. Todos estes focos encontram-se no lado brasileiro da serra.

Considerações finais

Este relatório baseou-se em minhas experiências em campo, fotos, e relatos de terceiros, especialmente guias e colaboradores de montanha Yanomami, a quem agradeço imensamente pelos ensinamentos sobre o Yaripo e seus organismos, e pela oportunidade de acompanhá-los nesta expedição incomparável.

Existem inúmeras oportunidades para a expansão das atividades turísticas de base comunitária. Apenas na trilha do Yaripo, o acesso e os acampamentos são grandes oportunidades para um turismo diferenciado, voltado para atividades de observação da natureza e com menores requerimentos físicos, mas com maior exigência do ponto de vista de capacitação da equipe do Yaripo - naturalistas são geralmente mais exigentes quanto a conforto e alimentação do que montanhistas. Mas a presença de vários conjuntos distintos de fauna e flora, tanto pelos ambientes diferenciados quanto pelo gradiente altitudinal são espetacularmente atrativos, em particular toda a flora com altíssimo grau de endemismo da Bacia do Gelo (Fig. 19). Nós da equipe do NGI do Pico da Neblina estamos procurando regulamentar a atividade turística em novos roteiros e escrevendo projetos para a execução de atividades científicas junto à comunidade - a trilha para o Yaripo, suas equipes, sua experiência e seu conhecimento, sua manutenção e conservação e sua diversidade de fauna e flora seguem como fundamentais para novos projetos com as comunidades Yanomami.

- O zoneamento da trilha, junto com o mapeamento de seus recursos biológicos e do seu potencial como atrativo para visitação, podem se configurar em ferramentas essenciais para orientar e estimular a produção de ciência e visitação especializada.



Fig. 19. Amostras da fauna e flora: Geckonídeo em barraca de acampamento e flores dos campos de altitude, inclusive da carnívora *Heliamphora neblinae*.

A continuidade do projeto Yaripo é fundamental para garantir alternativas de renda para as comunidades Yanomami participantes. Apesar de sua imensa complexidade, por estar na interface entre instituições de governo, ONG, turistas, uma grande comunidade de contato relativamente recente, e extrema dificuldade logística, é um projeto modelo, audacioso e pioneiro, com um futuro promissor. Mas ajustes são necessários. Neste relatório procurei, para cada problema identificado, levantar possíveis soluções ou alternativas. Mas nem todas as questões tem soluções simples ou mesmo identificáveis. Novas abordagens a respeito de temas diversos, que vão desde manejo de lenha, adoção de fogareiros e cardápios, na cozinha, lixo, dejetos e banheiros, até possibilidades de melhorias das acomodações em acampamentos devem ser testadas em campo. Alguns problemas, por outro lado, requerem estudo, dinheiro e talvez parcerias com outras instituições, desde a instalação de estruturas permanentes na trilha, até questões sensíveis como cessação de atividades ilegais de garimpo. Espero que o relato sobre o dia-a-dia da expedição na primeira parte, e a sistematização das questões mais delicadas e urgentes neste relatório possam subsidiar futuras atividades e a solução de alguns destes problemas.

11 de Fevereiro de 2024, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brasil

CASSIANO A F R GATTO

Biólogo, Analista ambiental - ICMBio